

O BRASIL AOS OLHOS DOS VIAJANTES EUROPEUS: DOS PRIMEIROS RELATOS, NO SÉCULO XVI, À VIAGEM DE GINA LOMBROSO-FERRERO À AMÉRICA DO SUL, EM 1908¹

BRAZIL IN THE EYES OF EUROPEAN TRAVELERS: FROM THE FIRST REPORTS, IN THE 16TH CENTURY, TO THE TRIP BY GINA LOMBROSO-FERRERO TO SOUTH AMERICA, IN 1908

Francisco Cláudio Alves Marques²
Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
(fransclau@gmail.com)

Kariany Kelly Ortiz Cardoso³
Graduada em Letras Português e Italiano
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
(karianycardoso7@gmail.com)

RESUMO: Entre as imagens construídas e difundidas pela literatura de viagem sobre o Novo Mundo, sobressaiu-se aquela que associava as novas terras avistadas ao Paraíso Terrestre, ajudando a alimentar um imaginário, na Europa, carregado de expectativas com relação às coisas inusitadas descritas pelos viajantes europeus. Nesse cenário comparecem dois opúsculos atribuídos a Américo Vespúcio descrevendo as novas terras conquistadas entre o paradisíaco e o maravilhoso. Tal imaginário, embora tenha começado a ser plasmado entre 1400-1500, ainda estava muito presente no continente europeu quando os primeiros imigrantes italianos se lançaram à aventura de *fare l'America*. Nossa proposta aqui é, por meio da leitura da obra **Nell'America Meridionale**, da médica italiana Gina Lombroso-Ferrero, que visitou o Brasil em 1908, investigar em que medida tal imaginário sobre o nosso país vai se confirmando ou se desconstruindo em sua obra, levando também em consideração que, pelo fato de ser médica, ela lança um olhar "clínico" sobre a paisagem humana brasileira. **Palavras-chave:** **Mundus Novus**. Literatura de Viagem. Gina Lombroso-Ferrero.

ABSTRACT: Among the images framed and disseminated by the travel literature about the New World, the one that associated the new sighted lands to the Paradise on Earth excelled, helping to feed an imaginary, in Europe, full of expectations regarding the unusual things described by the European travelers. In that scenario two opusculum attributed to Américo Vespúcio are presented that describe the new land conquered between the heavenly and the wonderful. Although such imaginary began to be shaped between 1400-1500, it was still very present in the European continent when the first waves of Italian immigrants embarked on the adventure of *fare l'America*. Our proposal here is, through the reading of the work **Nell'America Meridionale**, written by the Italian doctor Gina Lombroso-Ferrero, who visited Brazil in 1908 due to the massive Italian presence, to investigate to what extent this imaginary about our country is confirmed or deconstructed in her work, also taking into consideration that, whereas she is a doctor, she casts a "clinical" look at the Brazilian human landscape.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, com título homônimo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo n. 2018/16526-5.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2752-8879>.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5158-5649>.

KEYWORDS: *Mundus Novus*. Travel Literature. Gina Lombroso-Ferrero.

O imaginário europeu sobre o Novo Mundo

Conforme Francisco C. A. Marques (2018) e Silvano Peloso (1996), os primeiros europeus aportados na costa brasileira portavam consigo um imaginário sobre o Novo Mundo que vinha sendo construído na Europa por meio da divulgação de documentos oficiais e folhas volantes desde as primeiras viagens realizadas entre o final do século XV e início do século XVI. Dentre esses escritos destacam-se o **Mundus Novus** e a **Lettera al Soderini** (Carta a Soderini), as folhas volantes portuguesas e os textos de cordel ibéricos, os quais descreviam as maravilhas e as coisas inusitadas do Novo Mundo, ajudando a povoar um imaginário coletivo já carregado de expectativas sobre as novas terras avistadas.

No **Mundus Novus**, folheto publicado supostamente entre 1503 e 1504, um personagem denominado *Albericus Vesputius* narra a Lorenzo di Pierfrancesco de' Medici os pormenores de uma viagem realizada entre 1501 e 1502 percorrida abaixo do Equador até cinquenta graus de latitude sul. Dos relatos da viagem destacamos alguns trechos em que o viajante descreve as terras avistadas com base nos motivos edênicos que ajudavam a compor muitos manuscritos que circulavam pelo continente europeu à época: segundo o navegador, os índios daquelas terras vivem 150 anos, raramente ficam doentes, pois o ar ali é muito temperado e bom, de modo que nunca houve peste ou outra doença derivada da insalubridade do ar. Ainda segundo o relato, a terra daquelas regiões “[...] é muito fértil e amena, com muitas colinas, montes, infinitos vales, abundante em grandiosíssimos rios, banhada de saudáveis fontes, com selvas amplíssimas e densas, pouco penetráveis, copiosa e cheia de todo o gênero de feras”. Lá “as árvores crescem sem cultivador, muitas das quais dão frutos deleitáveis no sabor e úteis aos corpos humanos”; o ouro e as pérolas abundam naquelas regiões, mas não são estimados pelos habitantes daquele lugar. E, mais adiante, fazendo uma analogia com o paraíso terrestre, algo que já tinha sido feito por Vespúcio na **Carta de Lisboa**, de 1502, narra: “Certamente, se o **paraíso terrestre** estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões, cuja localização, como disse, é para o meridiano, em tão temperado ar que ali nunca há invernos gelados nem verões férvidos” (VESPÚCIO, 2003, p. 45-7, grifo nosso).

Embora a autoria do **Mundus Novus** tenha sido atribuída a Américo Vespúcio, o fato é que o autor da primeira edição permanece desconhecido. Segundo Eduardo Bueno, o opúsculo teria aparecido pela primeira vez em Paris, certamente em latim (supostamente traduzido do desconhecido manuscrito italiano), em fins de 1503 e início de 1504. Entre 1504 e 1506 seguiram-se várias reimpressões: a primeira datada consta de 1504, Alemanha, Augsburg; a primeira versão intitulada **Mundus Novus** sai em Veneza, ainda em 1504, tendo conhecido 12 edições entre 1504 e 1505, todas sem data ou local de origem. Em 1506 já existiam 25 edições em latim, italiano, alemão, holandês e tcheco; 41 antes do final de 1508. Só na Alemanha, entre 1505 e 1506 foram impressas 11 edições em Basel, Augsburg, Munique, Leipzig, Nuremberg e Estrasburgo. Segundo Bueno, o sucesso obtido pelo **Mundus Novus** no continente europeu se deve ao fato de ter sido escrito na forma de “um panfleto, um cordel”, de ter sido “vendido em praças e feiras”, “lido por nobres e plebeus” e ainda porque “Tinha a brevidade de uma novela e a urgência de um anúncio. [...] Misturava sangue, selvageria e ciência, investigação filosófica e ação rocambolesca, visões do paraíso e dantescas cenas de antropofagia. Era ligeiro sem deixar de ser profundo, analítico sem ser tedioso (BUENO, 2003, p. 29-30).

Entre 1505 e 1506, sai em Florença outro texto atribuído ao navegador florentino, **Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi** (Carta de Américo Vespúcio das ilhas novamente encontradas em quatro viagens suas), que passa a ser conhecido depois como **Lettera al Soderini** (Carta a Soderini). Neste texto, segundo Silvano Peloso (1996), são narradas quatro viagens que Vespúcio teria realizado entre 1497 e 1504. O fato é que, por incumbência do rei de Portugal, o navegador teria, nas duas últimas viagens, percorrido a costa do Brasil sendo que, na quarta, teria ido até uma localidade batizada como **Badia de Tucti e Sancti** (Bahia de Todos os Santos), como ele mesmo relata:

[...] não vimos nenhum outro animal, salvo ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e alguma serpente. E, feitas as provisões, partimos com vento Sul e Sudoeste, porque tínhamos um regimento do Rei ordenando que o navio que se perdesse da frota ou de seu Capitão, devia retornar à terra da viagem passada. Descobrimos um Porto, que pusemos o nome de Bahia de Todos os Santos, e prouve Deus dar-nos tão bom tempo que em dezessete dias aportamos naquela terra, que distava umas 300 léguas da ilha...” (Apud. CANOVAI, 1817, p. 113)

De certa forma, o **Mundus Novus** e a **Lettera al Soderini** constituem um testemunho da forma como um certo público do período quinhentista olhava as descobertas, colocando as novas terras avistadas dentro de precisos parâmetros interpretativos (PELOSO, 1996, p. 39-40). Não demoraria e logo sairiam do meio desse público, com suas crenças, mitos e imaginário, aqueles colonos e missionários que iriam colonizar, “civilizar” e povoar o Novo Mundo.

Entre os séculos XVI e XVIII as descrições sobre o Brasil vão se alternando entre o paradisíaco e o infernal. Para o nosso recorte, interessam os relatos e descrições que ajustam o país ao imaginário edênico europeu. No século XVII, Frei Vicente do Salvador descreve o Brasil como “mais abastado de mantimentos que quantas terras há no mundo, porque nele se dão os mantimentos de todas as outras. Dá-se trigo em S. Vicente em muita quantidade, e dar-se-á nas mais partes cansando primeiro as terras, porque o viço lhe faz mal.” (SALVADOR, 1982, p. 68).

Sérgio Buarque de Holanda observa que o mito do Paraíso Terrestre, tido como uma espécie de “sítio da bem-aventurança” por volta do século X, situava-se “no meio do Oceano, ora mais para o norte, ora mais para oeste, à medida que vão progredindo os conhecimentos geográficos, até desaparecer já em fins do século XVI, embora não se dissipe da imaginação popular antes do século XVIII” (HOLANDA, 2000, p. 208) Assim, no início do século XVIII, na primeira edição de sua **História da América Portuguesa**, de 1730, Sebastião da Rocha Pitta descreve o Brasil como a “melhor porção” do Novo Mundo,

vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas, e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave bálsamo, e os seus mares o arabar mais selecto [...]. Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde tem nascimento, e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos Astros, e respiram auras siavíssimas, que o fazem fértil [...]. (ROCHA PITTA, [1730] 1878, p. 03)

Uma prova de que a crença no Paraíso Terreal ainda se mantinha no imaginário popular ainda no século XVIII encontra-se no prefácio que Sérgio Buarque de Holanda escreveu para a segunda edição de **Visão do Paraíso**. O sociólogo relata o caso do colono português Pedro de Rates Hanequim, natural e morador em Lisboa mas que viveu 26 anos em Minas Gerais, no século XVIII, certamente contemporâneo

das mais antigas lavras de ouro. Suas teorias, que o levaram à condenação em 1744 pela Mesa do Santo Ofício a ser queimado e seu corpo reduzido a pó e cinzas,

consistiram em sustentar com obstinação impávida que o Paraíso Terreal ficara e se conservava no Brasil, entre serranias do mesmo estado [Minas Gerais]. Acrescentava haver ali uma árvore à feição de maçãs ou figos, e esta era a do Bem e do Mal, e assim também que o das Amazonas, o São Francisco e outros, eram os quatro rios que saíram daquele horto. Aliando à antiga opinião de que os americanos descendiam das tribos perdidas de Israel, passagens do Velho Testamento e episódios tomados, ao que parece, da lenda do Sumé, afirmava que Adão se criou no Brasil e dali se passou de pé enxuto a Jerusalém, abrindo-se para isso as águas do Mar Oceano, assim como as do mar Vermelho se abriram outrora aos israelitas, enfim que as marcas de suas pisadas ainda se podiam ver perto da Bahia. Dizia mais: que no Brasil se haveria de levantar o Quinto Império e, para maior escândalo dos inquisidores, que o Dilúvio não foi universal, já que poupou o Brasil... (HOLANDA, 2000, p. XXIV-XXV).

Os prolíficos relatos de viagem do século XVI, bem como os dos séculos seguintes, expressavam não apenas uma descrição de lugares exóticos ou costumes estranhos, mas, sobretudo, segundo André Figueiredo Rodrigues *et al.* (2013, p. 10), “a fusão entre dois mundos, em que a linguagem e o espaço se mesclam na constituição de um novo alicerce simbólico, espaço no qual o pensamento humano possa produzir uma ordenação entre os seres, uma classificação que possibilite, através de similitudes e diferenças, uma apropriação total.”

Nesse cenário de viagens ao Novo Mundo, a apropriação realizada pelo olhar do europeu expõe, no mínimo, dois processos que não podem ser ignorados por qualquer estudo que se volte para a compreensão do tema da viagem. Falando a respeito desses dois processos, André F. Rodrigues explica que, o primeiro, se relaciona com aquilo que se omite ou se fala sobre o outro, dinâmica que revela muito sobre aquele que fala. Vista por esse ângulo, “a construção de uma identidade brasileira traz, dialeticamente, o explicitar-se de uma identidade europeia.” No segundo processo, “as diferentes maneiras de apreender a realidade ambiental no Brasil, vão deixando transparecer as modificações nos contextos socioculturais europeus e as transformações nas mentalidades desses períodos” (RODRIGUES *et al.*, 2013, p. 11).

Os relatos sobre o Novo Mundo expressavam, na sua essência, uma curiosidade do homem europeu sobre o outro, o que ocorria devido à gradativa

substituição da narrativa fantástica por outra que enfatizava cada vez mais a precisão descritiva à medida que ia adquirindo caráter científico por meio da precisão descritiva, do aprimoramento discursivo, descrições que vinculavam “o visto e o vivido a uma lógica de objetividade e empirismo” (RODRIGUES *et al.*, 2013, p. 10).

O Brasil de outros viajantes europeus: séculos XIX e XX

No início do século XIX muitos cientistas e artistas vêm ao Brasil. O motivo da viagem agora consiste em outra forma de descobrimento. Devem ser observados, estudados e compreendidos: a paisagem, as novas etnias aqui aportadas, os usos e costumes aqui estabelecidos. Debret é um dos primeiros a chegar aqui no início do XIX, e seus escritos, resultantes de sua permanência no Brasil durante o Império, consistiam em oferecer ao público, como ele mesmo relata, “uma descrição fiel do caráter e dos hábitos dos brasileiros em geral”, sendo que ele se propõe a começar sua descrição “pela história do índio selvagem”, escolha que se justifica pelo fato de ser o índio o “primeiro habitante desta parte do globo tão admirada pela abundância dos benefícios que a natureza lhe prodigalizou” (DEBRET, 1975, p. 8).

Ao longo do século XIX outros viajantes europeus aqui aportaram. Não só a paisagem humana é colocada sob o olhar estrangeiro, pois, no século XIX, há uma intenção cada vez maior de se conhecer e entender a paisagem natural brasileira. Ana Maria de Moraes Belluzzo (1994, p. 11) observa que a paisagem de crivo científico é uma constante entre os artistas-viajantes, haja vista, a partir do XIX, estarem grandes personalidades artísticas a serviço de expedições científicas, dentre elas, Rugendas, Ender, Burchell e outros. Segundo Belluzzo, muitos dos viajantes aportados no Novo Mundo, a partir do XIX, foram motivados pela “curiosidade”: “O imenso território ainda mal desvendado desperta crescente curiosidade nos europeus voltados ao conhecimento da natureza”, pois nem todos “vêm à procura de princípios universais sobre os quais se havia construído a ideia de natureza. Muitos buscam o que o continente americano pode oferecer de peculiar e de diferente do continente europeu” (BELLUZZO, 1994, p. 11). Segundo a autora, no século XIX a Europa deposita grandes expectativas no conhecimento dos cenários tropicais, sobretudo pela sua diversidade, de modo que “O interesse europeu pelo conhecimento científico da natureza tropical coincide com a prática da viagem e com outras modalidades de

corpo a corpo com a natureza sensível. Alia-se, de certo modo, ao desejo de vivenciá-la pela sensação, de experimentá-la diretamente, avistá-la ou desbravá-la” (*idem*).

Os primeiros viajantes europeus aportados na costa brasileira, no início do século XIX, colocam o Brasil sob novos parâmetros interpretativos. Belluzzo observa que não se pode subestimar o poder do olhar desses viajantes, “olhar dirigido a um mundo com o qual não se está familiarizado” (*ibidem*), de modo que é preciso reconhecer, nos termos dessa relação entre sujeito e universo que lhe é estranho, a ausência da rede de significações imposta pela cultura, pela utilidade e pelo aprendizado. Daí resulta frequentes comparações entre as terras visitadas com o universo europeu, o único conhecido até então para muitos viajantes aportados na América.

Nos relatos de viagem que os naturalistas Louis e Elizabeth Agassiz fizeram ao Brasil entre 1865 e 1866, destacam-se as primeiras impressões que tiveram da cidade do Rio de Janeiro ao desembarcarem no dia 24 de abril. No relato dos mencionados naturalistas, observa-se que as cidades do Velho Mundo servem de parâmetros comparativos aos viajantes europeus:

Hoje, algumas senhoras e eu fomos a terra, e, depois de termos escolhido residência, demos algumas voltas de carro pela cidade. O que chama desde logo a atenção no Rio de Janeiro é a negligência e a incúria. Que contraste quando se pensa na ordem, no asseio, na regularidade das nossas grandes cidades! Ruas estreitas infalivelmente cortadas, no centro, por uma vala onde se acumulam imundícies de todo gênero; esgotos de nenhuma espécie; um aspecto de descalabro geral, resultante, em parte, sem dúvida, da extrema umidade do clima; uma expressão uniforme de indolência nos transeuntes: eis o bastante para causar uma impressão singular a quem acaba de deixar a nossa população ativa e enérgica (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000, p. 67).

Os aspectos socioculturais que mais chamam a atenção de Louis e Elizabeth Agassiz são os usos e costumes dos negros, indivíduos pertencentes ao que ele convencionou chamar “grupos pitorescos”. Na descrição das ruas do Rio de Janeiro, as velhas cidades europeias, com seu aspecto medieval, continuam servindo de parâmetro ao visitante estrangeiro:

Todo aquele que visitou uma dessas velhas cidades espanholas ou portuguesas dos trópicos está lembrado de suas ruas estreitas, das casas multicores guarnecidas de balcões pesados, das fachadas pintadas ou revestidas de azulejos gritantes, e, como única variante,

marcadas aqui e ali pela queda de um destes. Que fascinação e que encanto eles sabem que sentiram a despeito da falta de asseio e das coisas julgadas mais necessárias. E os grupos da rua, então! Aqui, os pretos carregadores seminus, rígidos e firmes como estátuas de bronze, sob os pesados fardos que carregam na cabeça e parecem estar aparafusados no seu crânio; ali, padres de vestes compridas e chapéu quadrado; acolá, mulas balançando dois cestos cheios de frutas e legumes: não é um espetáculo variado feito para absorver a atenção de um recém-chegado? Quanto a mim, nunca os negros se me mostraram sob um aspeto tão artístico. Não faz muito, cruzamos na rua com uma preta toda vestida de branco, o colo e os braços nus, com as mangas arregaçadas e presas numa espécie de bracelete; estava com a cabeça coberta por enorme turbante de musselina branca e trazia a tiracolo sobre os ombros um xale comprido de vivas cores, caindo até quase os pés. Fazia com certeza parte da aristocracia dos negros, porque, do outro lado da rua, uma outra preta quase sem roupa, sentada nas pedras da calçada, com seu filho nu adormecido nos joelhos, deixava luzir ao sol a sua pele escura e lustrosa (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000, p. 67-68).

Outro viajante europeu de passagem pelo Brasil no início do século XX foi o jornalista italiano Corrado Zoli. Este viajante chega ao Brasil no auge da entrada maciça de imigrantes italianos em São Paulo. Em sua descrição da cidade, a referência às cidades europeias lhe serve também de parâmetro interpretativo do fenômeno que ocorre no Brasil:

O italiano que chega aqui e se hospeda mesmo que seja por uma semana não pode escapar da estranha e comovente impressão de ter chegado, em pleno Brasil, em uma cidade puramente italiana. E se impressão semelhante ele já sentiu em outros países estrangeiros, chegando em uma cidade pequena, em um município ou uma aldeia, onde uma pequena e florescente colônia italiana tenha se instalado, mantendo tenazmente a sua própria língua, usos e costumes, aqui esta impressão é centuplicada pelo fato de encontrar-se em uma grande cidade moderna, avançada e movida por uma vida empresarial poderosa. Cidade de grande extensão, com casas de poucos andares, muitas vezes até mesmo de um único andar e frequentemente intercaladas com jardins e pomares, São Paulo tem meio milhão de habitantes, metade deles italianos. Mas esta metade tem um domínio espiritual e moral único; a metrópole apresenta todos os aspectos característicos das grandes cidades italianas: praças, ruas, casas, parques, jardins, teatros, cinemas, aqui tudo é do tipo italiano e o italiano é a língua falada em todos os lugares; italianos são os hábitos e costumes dos habitantes; as maiores instituições são italianas, e italianas são as indústrias mais florescentes e os negócios mais importantes da cidade (ZOLI, 1927, p. 129-130).

Tais impressões sobre a cidade de São Paulo eram também corroboradas pelos próprios italianos aqui de passagem. O intelectual socialista Antonio Piccarolo,

fundador da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1904), relata que àquele tempo, por volta de 1913, ao se chegar à cidade de São Paulo, “Tinha-se a impressão de estar na Itália, na Itália do além-mar, para onde, juntamente com a língua, são transplantados os costumes, as tradições domésticas, as festas populares, tudo enfim [...]” (PICCAROLO, 1913).

De acordo com Giuseppe Moricola, por um lado, a maioria das viagens realizadas por italianos entre o final do século XIX e começo do XX foram motivadas por uma literatura difundida na Itália “de estampa moralista”, a qual denunciava as especulações sobre a viagem dos emigrantes e censurava grande parte dos envolvidos no “comércio da imigração” (MORICOLA, 2008, p. 13), algo que teria despertado o interesse de jornalistas, escritores e autoridades italianas em conferir as reais condições de vida dos italianos estabelecidos na América.

Por outro lado, tanto a propaganda em torno da situação dos emigrantes quanto as viagens realizadas à América representavam um esforço de recuperar, além do material produzido pelos emigrantes, por lazer ou por profissão, os testemunhos dos próprios interessados, o que contribuiu para refletir estereótipos filantrópicos sociais que são a base da narrativa de viagem dos emigrantes. Mas nem todos eram emigrantes na acepção mais estreita do termo, e o Brasil, por exemplo, recebe entre o final do século XIX e início do XX uma grande quantidade de italianos que se interessam não apenas em se inteirar das condições de vida de seus compatriotas. Desembarcam aqui motivados pela antiga curiosidade que outrora havia movimentado outros navegantes. Enquanto alguns ficam em São Paulo, e a descrevem nos moldes das cidades europeias, outros, como Gina Lombroso-Ferrero, vão mais longe, e visitam o Brasil do Sul até o Norte, levando para a Itália uma visão inusitada de um país que não é mais aquele antes descrito nas cartas e nos relatos dos viajantes dos séculos anteriores.

A viagem de Gina Lombroso-Ferrero ao Brasil, em 1908

Nos relatos de viagem dos navegantes europeus ao Brasil, ora o país é descrito como um **locus amoenus** ora como um **locus horrendus**. As descrições divergem à medida que os exploradores adentram o sertão e as regiões mais inóspitas. Quando os primeiros colonos começam a desembarcar na costa brasileira, a partir do século XVI, portam consigo um imaginário que só em parte condizia com a

realidade descrita nas cartas dos primeiros viajantes europeus. Em contraposição ao Paraíso descrito nos primeiros relatos, geralmente produzidos a partir da visão que se tinha das regiões mais próximas do litoral, vão sendo elaborados outros que situam o Brasil de uma visão muito mais próxima do Inferno. Segundo Laura de Mello e Souza (1986), ao se depararem aqui com aspectos físico-naturais hostis, os europeus acreditavam que tanto a terra quanto a natureza brasileira estavam inexoravelmente assoladas pela presença demoníaca. Em seu estudo sobre feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, a historiadora observa:

[...] no que diz respeito à humanidade diversa, pintada de negro pelo escravo africano e de amarelo pelo indígena, venceu a diferença: infernalizou-se o mundo dos homens em proporções jamais sonhadas por toda a teratologia europeia... [...] Houve perplexidade ante as nuvens de insetos, as cobras enormes, o calor intenso; mas antes o canibalismo e a lassidão do indígena, a feitiçaria e a música ruidosa dos negros, a mestiçagem e, por fim, o desejo de autonomia dos colonos, houve repúdio (SOUZA, 1986, p. 32).

O fato é que, com a Abolição da escravatura, em 1888, novas abordagens sobre o Brasil começam a ser elaboradas, sobretudo pelo fato de a mão-de-obra escrava começar a ser substituída pelo braço europeu, que viria mudar a face do Brasil em praticamente todos os aspectos descritos nos primeiros relatos dos viajantes europeus aqui aportados. A presença maciça de italianos na cidade de São Paulo, no início do século XX, se apresentaria como uma oportunidade para que outros viajantes, agora com diferentes finalidades e olhares, visitassem também o Brasil com a missão de avaliar não só como seus conterrâneos haviam se ajustado à nova terra como também o impacto que sua presença teria causado à terra de adoção. Nessa nova leva de viajantes destaca-se a figura da médica, cientista e escritora italiana Gina Lombroso-Ferrero (1872-1944), filha do antropólogo e criminologista Cesare Lombroso (1835-1909).

Gina é autora do livro **Nell'America Meridionale**, objeto deste trabalho, o qual se constitui como uma espécie de diário de viagem da médica italiana, publicado em 1908. Nele podem ser encontradas observações e descrições que contemplam tanto os supostos aspectos negativos como também os aparentemente positivos do Brasil da época. Gina esteve no Brasil no início do século XX e procurou descrever no seu livro não somente a paisagem e a sociedade brasileiras, mas também destacar a hospitalidade de seu povo. Em seus relatos, não se limitou apenas em descrever a

beleza das cidades brasileiras e as condições dos colonos italianos nas fazendas, antes, procurou resumir para o leitor italiano a história e a cultura brasileiras, muitas vezes sob um olhar clínico, perscrutador, uma vez que era médica e cientista. Com relação aos aspectos considerados negativos, a autora corroborou o imaginário da época que colocava em evidência a indolência do brasileiro como resultado da falta de iniciativa e da passividade (MAURO, 2013, p. 52). Em contrapartida, sua descrição da paisagem brasileira se assemelha, em muitos aspectos, à descrição que os navegadores de séculos passados tinham feito, os quais foram responsáveis pela formação de um imaginário sobre o Novo Mundo como uma terra paradisíaca. Por outro lado, quando a paisagem natural é descrita ao lado do elemento humano, a visão de médica se sobressai e parte desse imaginário passa por um processo de desconstrução.

Antes mesmo que os relatos de viagem de Gina fossem reunidos em livro, suas impressões de viagem foram estampadas em um artigo intitulado ***Un Viaggio al Brasile***, publicado no número 219 da revista italiana ***Nuova Antologia di Scienze, Lettere ed Arti***, maio/junho de 1908. Mais uma vez, o viajante europeu utiliza parâmetros interpretativos europeus para fazer uma leitura da paisagem urbana e humana brasileira, e Gina Lombroso introduz seu livro de viagem nos seguintes termos:

Como encontraram o Brasil? Viram realmente os rios maiores que o mar, e as florestas virgens, e as macacas penduradas nas árvores, e o café e o látex, e a cana-de-açúcar, e as minas de diamante, e a pesa das baleias? Habitado à pequenez dos nossos países, o Europeu que nunca atravessou o Atlântico não pode imaginar que exista um país maior que a Europa; um país no qual os nossos grandes transatlânticos em 10 dias de navegação conseguem apenas percorrer a costa; um país no qual dois estados, Bahia e Rio Grande do Sul, distam um do outro não mais que a América da Europa; um país no qual trinta horas por ferrovia não bastam para ultrapassar os contrafortes que separam a porção montanhosa da costa. Como falar, portanto, complexivamente, de um país mais vasto que a Europa; mais diversificado que a Europa e a África, que tem em si todos os climas, quase todas as raças, quase todas as diversidades naturais? (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 12-13).

Com base na citação anterior, é possível inferir que os relatos de viagem de Gina Lombroso questionam o antigo imaginário sobre o Brasil e imprimem um novo relato sobre o Novo Mundo, haja vista que a médica, na sua análise sobre o Brasil,

situa lado a lado a paisagem natural, a humana e a social, colocando nosso país sob novos parâmetros interpretativos, como pretendemos demonstrar no tópico seguinte.

O Brasil aos olhos de Gina Lombroso-Ferrero

Quando Gina chega ao Rio de Janeiro, em 1908, a primeira impressão é que ela se encontra diante de uma ilha exuberante, não muito distante do Rio paradisíaco relatado pelos viajantes europeus dos séculos anteriores. Quando chega à baía de Guanabara, por exemplo, ela enxerga a beleza e a diversidade étnica e natural, descrevendo esses elementos em comparação à Europa: “Ainda que tenha 15 quilômetros quadrados de superfície, [a baía] encerra tantas variedades quanto todas as terras avistadas durante a longa viagem da Europa até o Brasil” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 13).

No entanto, ao adentrar o continente, logo seu olhar de médica se volta para os aspectos sociais e sanitários mais relevantes, separando o Rio de Janeiro em moderno e popular ou suburbano, como podemos depreender das palavras da autora:

Esse Rio popular não tem nada em comum com o Rio moderno, o Rio afastado do mar e da febre amarela pelos trabalhos do porto, na qual o asfalto das estradas cobre vitoriosamente e para sempre as águas paradas, fonte de muitas doenças. O Rio das grandes avenidas onde surgem as lojas modernas com vistosas vitrines; os grandes edifícios de quatro cinco andares, os quais muitos foram construídos pelo arquiteto italiano Antonio Januzzi, e entre os quais brilha o imaculado edifício Monroe com sua veste branca e vidros cintilantes, o Rio de grandes palmeiras que se erguem como colunas de um templo ao longo da beira-mar, flanqueando majestosos edifícios. [...] Esse é o Rio barulhento, o Rio luminoso. Às sete da noite (quanto mais se aproxima do Equador mais o dia é igualmente curto), todas as mercearias, todos os vendedores ambulantes, todos os quiosques acendem as suas luzes e seus globos coloridos, os seus dragões fantásticos, enquanto dos postes elétricos chove sobre a estrada um dilúvio de luzes brancas (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 23).

Se por um lado Gina Lombroso volta seu olhar para a face moderna da cidade do Rio, descrevendo-a quase em seus aspectos maravilhosos, por outro, sua visão clínica e social da paisagem carioca dissecava minuciosamente trechos do Rio suburbano, nos seguintes termos:

Mas existe ainda outro Rio, o Rio dos subúrbios, o Rio das praias de Ipanema, de Copacabana, que se estendem com os seus vilarejos silenciosos ao longo das margens do mar encantado, dos cedros do Líbano, o Rio dos morros, o Rio de Santa Teresa com as casinhas

espalhadas sobre os morros, separadas umas das outras pela floresta impenetrável, ligadas ao centro por um rápido bonde elétrico que serpenteia bufando em meio à floresta coberta por trepadeiras e orquídeas (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 23).

Em São Paulo, referindo-se à ação humana sobre a floresta, certamente a Mata Atlântica, o olhar da viajante-cientista mais uma vez se deixa caminhar em direção às questões ambientais e sociais, fazendo uma crítica contundente às queimadas provocadas pelos habitantes locais:

Depois de ter viajado por horas e horas através da floresta virgem, entende-se a vingança do homem que a incendeia, mesmo sem necessidade urgente, só para se sentir triunfante sobre a natureza indomável, só para vê-la queimar. [...] A floresta viva não incendeia espontaneamente como frequentemente relatado nos livros de viagem (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 23).

Não se trata mais, como observou Ana Maria Belluzzo (1994, p. 11) do “imenso território ainda mal desvendado” que despertava a crescente curiosidade dos europeus, os quais contemplavam uma natureza ainda quase intocável e que determinava como o homem devia ocupar os espaços. Gina descreve uma natureza que agora sofre os primeiros grandes efeitos da devastação operada pelo homem. Por meio de metáforas e figuras de linguagens outras, a médica descreve a ação feroz dos primeiros paulistanos que tentavam domar o meio e colocá-lo a serviço da lavoura:

Todos os colonos da fazenda, do vilarejo, da colônia onde se decide queimar a floresta, cinquenta, cem, duzentas pessoas, e quantas possam se reunir, se posicionam em torno do trecho de floresta destinado ao sacrifício com tochas na mão; ao som das explosões de muitos rojões – sinal que a batalha começou –, todos os homens ateam fogo simultaneamente, depois se distanciam, enquanto da floresta surgem tiros, gritos, assovios desesperados (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 23).

Ainda em São Paulo Gina observa as fazendas de café, quase todas elas absorvendo mão de obra de imigrantes italianos. No entanto, ela estabelece uma diferença entre o cultivo agrícola na Europa e no Brasil, observando que, em São Paulo, a organização de uma fazenda é muito diferente daquela que ocorre nas províncias, vilas e fazendas italianas: “Isso resulta do fato de que na Europa o campo serve unicamente para alimentar seus cultivadores ou as cidades vizinhas, mas

raramente se dedica a um só tipo de cultivo [...], como ocorre às fazendas de café, à bodega de vinho ou ao engenho de açúcar argentino ou brasileiro” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 38). Gina aponta para a monocultura nascente no Brasil.

Mais adiante, tratando ainda do contexto das fazendas de café paulistanas, Gina observa que, ali, o camponês é tratado como operário, sinalizando para as relações capitalistas que se estabelecem no campo: “Qualquer objeto ou empréstimo que o camponês contraia junto ao fazendeiro, como qualquer outro serviço extra que venha a fazer, é anotado em um livro e na caderneta pessoal do fazendeiro, e descontado ou adicionado ao salário combinado” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 55).

Durante a viagem para Minas Gerais, pela via férrea, Gina ressalta os ousados trabalhos de engenharia que caracterizaram a construção de pontes e ferrovias ligando o Rio a Minas, sinalizando para um Brasil que caminha para a modernidade: “A estrada de ferro que liga o Rio de Janeiro a Belo Horizonte, a capital do Estado de Minas, milagre da ousadia, da ciência, dos avanços da era moderna, é traçada entre belíssimos montes e vales” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 60). Mas não passam despercebidos aos olhos da viajante italiana os horrores da mineração no referido Estado. Referindo-se à mina Morro Velho, uma das poucas ainda ativas, ela relata: “[...] saímos dali convencidos da estupidez dos brancos, que, por um vil metal, cujo valor é muito mais fictício, simbólico, ousam submeter-se e submeter os outros a uma vida horrível” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 65). Gina assim descreve o ambiente das minas brasileiras, comparando-as ao inferno dantesco: “Os homens estavam nus e banhados de suor; o calor era insuportável e, sob aquelas luzes, das quais emanavam brilhos úmidos, aqueles corpos que malhavam a pedra com suas picaretas compunham um quadro apavorante de almas condenadas ao inferno dantesco”. (ibidem).

Um dos capítulos do livro de Gina mais interessante para nosso recorte talvez seja aquele que ela intitulou **Qualità e Difetti dei Brasiliani**, em que lança um olhar sobre o jeito de ser do brasileiro; sobre o que ela chamou de “qualidades e defeitos”; e logo no primeiro parágrafo ela enxerga como uma boa qualidade do brasileiro a bondade e a solidez dos vínculos familiares e das relações de amizade, algo que ela entende como uma herança dos negros. Dentro dessa relação de “bondade” Gina

descreve uma prática típica do patriarcado brasileiro – a hospitalidade –, e sempre usando a Europa como paradigma:

Na Europa, quando um homem se casa, assume somente a esposa; mas no Norte do Brasil ele carrega nas costas material e moralmente toda a parentada, que geralmente vive unida a ele ou a ela na mesma casa, patriarcalmente; se encarrega ainda, mesmo que não tenha obrigação, das crianças distantes que se encontram na pobreza, até mesmo dos estranhos que entrem em sua casa. Uma vez um fazendeiro mantinha em sua casa centenas de agregados brancos, alimentando-os e abrigando-os gratuitamente (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 95-96).

Ao observar as condições de existência dos brasileiros, em 1908, Lombroso-Ferrero (1908, p. 113) ressalta que a vida material no Brasil é diferente da europeia, pois, enquanto há escassez de víveres no Norte e no Centro – diferentemente do que ocorre aos estados do Sul, como Rio Grande e Santa Catarina –, o camponês de São Paulo, do Rio, de Minas, da Bahia e de Pernambuco se alimenta basicamente de banana, mandioca, milho, feijão, peixe e arroz, a que se acrescenta, às vezes, um pouco de carne ou de leite, produtos que podem ser comprados por um preço razoável. O olhar da médica se volta ainda para a realidade sanitária brasileira, já bastante discutida naqueles anos: “Acrescente-se que a água ali é abundante, mas geralmente poluída, sendo prudente fervê-la antes de consumi-la, como fazem os indígenas na forma de mate ou de café” (p. 113).

Nessa dinâmica de comparar as condições de existências no Brasil com as das cidades europeias, Gina salienta que a mortalidade no Brasil não é maior que em Nápoles, Trieste, Roma ou Petersburgo, por exemplo. Depois de mostrar algumas estatísticas que ajudam a ilustrar suas afirmações, a médica italiana enfatiza que a mortalidade no Brasil não é muito superior à europeia ou à asiática, haja vista que as causas das doenças e mortes em solo brasileiro são muito diferentes: “picadas de cobras, febre amarela, doenças do fígado, tênia, ascaridíase, disenteria e micose [...], infecção que ataca as unhas dos pés e que assusta os colonos mais que a febre amarela” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 114).

Mas o que mais interessa para o nosso recorte, nessa linha que vem sendo traçada pela médica italiana, sobre as qualidades e defeitos dos brasileiros, é a questão da suposta “indolência” do brasileiro, tão cantada pela literatura da época, e

que não nos deixe em divagações o Jeca Tatu lobatiano da primeira fase (1914). Conforme atesta Lombroso-Ferrero (1908, p. 116),

O verdadeiro defeito dos brasileiros, e que assusta os europeus – e não é um engano –, é a sua indolência, que não raro é interpretada como covardia, falsidade, avareza, e, pior ainda, como insensatez comercial. A indolência do brasileiro é uma indolência toda sua, caracterizada não apenas pela ociosidade, mas pela passividade, pela falta de iniciativa, provavelmente herdada do cruzamento com o negro. Como o negro, o brasileiro não foge totalmente do trabalho, [...] mas foge de qualquer coisa fora das suas funções habituais, de tomar uma iniciativa, de cumprir um ato que não seja a repetição daqueles cotidianos.

Relativamente à indolência do brasileiro e à sua relação com a suposta indigência do negro, o pensamento da viajante italiana não se distancia muito daquele elaborado pelas elites brasileiras sobre o elemento nacional. De acordo com Márcia Regina Naxara, entre o final do século XIX e início do XX, “O povo brasileiro, visto por suas elites, aproximava-se do atraso e da barbárie, enquanto o que se tinha em vista era alcançar o progresso e a civilização”, de modo que tal posicionamento “acabou levando a uma identificação do brasileiro pela ausência do que se esperava que ele pudesse ser, ou seja, por aquilo que lhe faltava” (NAXARA, 1998, p. 180). Gina Lombroso salienta que a “moleza e a pouca pontualidade do brasileiro não tem paralelos” (*idem*, p. 116) em nenhum outro país que ela conheça.

Parte das impressões que a italiana tem sobre os brasileiros parece não ter sido construída a partir da observação direta do cotidiano haja vista sua passagem por aqui ter sido breve. Pela referência que faz a José Veríssimo, concluímos que muitas dessas impressões foram emprestadas da literatura nacional, como podemos perceber nesta paráfrase emprestada do crítico literário brasileiro:

Veríssimo dizia que a democracia no Brasil, a falta de limites que separem uma classe da outra, a falta de cuidado com as regras de etiqueta, é fruto muito mais da falta de força de vontade individual do que de ideias sociais, e que é esta falta de força que impede o Brasil de tornar-se uma sociedade ideal, porque ninguém tem força de excluir aquele que não deveria fazer parte dela. Sou obrigada a crer que Verissimo tenha razão: a moleza e a pouca pontualidade do brasileiro não têm paralelos em nenhum outro país que eu conheça (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 116).

Seguindo a mesma linha de discussão, a médica italiana chama a atenção ainda para outras virtudes e defeitos que ajudavam a caracterizar o tecido social brasileiro, sinalizando para uma sociedade em avançado processo de formação bem distante daquela visitada pelos primeiros viajantes europeus. Com a chegada dos imigrantes europeus ao Brasil a sociedade dá uma alavancada em termos de progresso, com a instituição das incipientes indústrias e com o reforço das atividades comerciais, áreas da economia que gerariam novas riquezas e novos padrões comportamentais. Vale ressaltar, é claro, que muitos dos costumes coloniais ainda prevaleciam naquele momento. Gina observa que, virtude ou vício do negro que se afeiçãoou ao patrão, “o brasileiro não sabe odiar, não sabe ser duro nem mesmo para defender seus próprios interesses”. Assim, tratando das relações comerciais estabelecidas entre brasileiros e comerciantes estrangeiros, ela afirma que, “A exatidão, a regularidade, a pontualidade, a atividade, são virtudes das quais o brasileiro parece não ter conhecimento” (LOMBROSO-FERRERO, 1908, p. 117). Por esse motivo, Gina observa que os comerciantes italianos ficam geralmente ressabiados quando precisam tratar de negócio com os brasileiros porque estes, “filosoficamente”, afirma ela, “algumas vezes não lhes pagam na data combinada, sem nem mesmo se preocupar em inventar uma desculpa. Os comerciantes europeus acreditam se tratar de má fé, quando na verdade se trata apenas de indolência” (idem).

Considerações finais

Os viajantes europeus que visitaram o Brasil, antes de Gina Lombroso-Ferrero, não tiveram à vista os mesmos parâmetros que em 1908 caracterizavam a paisagem humana e social bem como o sistema relacional brasileiro. Gina visita um Brasil que desde o final do século XIX vinha recebendo milhares de imigrantes estrangeiros, os quais colaborariam para que o país expandisse suas fronteiras econômicas, passasse por um complexo processo de reelaboração de sua cultura e, especialmente, de sua composição étnica. Os relatos da médica italiana, publicados primeiramente na revista **Nuova Antologia**, naquele mesmo ano, levariam ao conhecimento dos italianos e dos europeus um novo retrato do Brasil, então passando por uma fase de transição que o colocava entre as antigas crenças de uma terra paradisíaca, em alguns momentos, mas já dando os primeiros sinais de uma terra que

passaria a se constituir tanto de resquícios do passado quanto de progressos que ajudariam a constituir um novo Brasil e um novo brasileiro.

É provável que Gina Lombroso tenha lido, muito antes de vir ao Brasil, muitas das crônicas sobre o Novo Mundo que ainda circulavam na Europa na forma de folhetos desde a invenção da imprensa; e que tenha aportado no Brasil com a mente povoada de parte daquele imaginário sobre as terras outrora descobertas; no entanto, ao chegar aqui, acaba encontrando outros europeus que, antes dela, também chegaram ao Brasil pensando encontrar as mesmas benesses da terra prometida. Esses mesmos europeus, depois de terem aportado aqui, perceberam que, na verdade, tinham que ajudar a construir a tal Terra Prometida. O Brasil visitado por Gina Lombroso, em 1908, já não era mais aquele misto de inferno e paraíso dos relatos estampados nas folhas volantes do século XVI e nas literaturas de viagem dos séculos posteriores, guardava muito mais as características de uma Babel em construção nos trópicos.

Referências

AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. C. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Trad. e notas de Eduardo Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2000 (Coleção o Brasil Visto por Estrangeiros).

BELLUZZO, A. M. de M. **O Brasil dos viajantes: a construção da paisagem**. São Paulo: Metalivros; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 1994, vol. III.

_____. A proposito d' O Brasil dos Viajantes. **Revista USP**, São Paulo, USP, n. 30, p. 8-19, 1996.

BUENO, E. "Apresentação". In: VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo: As cartas que batizaram a América**. São Paulo: Planeta, 2003.

CANOVAI, S. **Viaggi d' Amerigo Vespucci con la vita, l' elogio e la dissertazione giustificativa di questo celebre navigatore**. Florença: Giovacchino Pagani, 1817.

DEBRET, J. B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. 6. ed. Trad. e notas Sergio Milliet. São Paulo: Martins; Brasília: INL/MEC, 1975, tomo I, vols. I e II.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000 (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

LOMBROSO-FERRERO, G. **Nell' America Meridionale: Brasile, Uruguay, Argentina**. Milão: Treves, 1908.

- _____. Un Viaggio al Brasile. **Nuova Antologia**. Rivista di Lettere, Scienze ed Arti, Roma, n. 219, vol. 135, maggio-giugno 1908.
- MARQUES, F. C. A. **Escritos e ditos**: poéticas e arquétipos da literatura de folhetos – Itália/Brasil. São Paulo: FFLCH Humanitas/Fapesp, 2018.
- MAURO, S. “O olhar feminino sobre o Brasil na narrativa italiana do século XX”. **Todas as Musas**, n. 2, p. 52-61, jan.-jun. 2013.
- MELLO E SOUZA, L. de. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MORICOLA, G. **Il viaggio degli emigrante in America Latina tra Ottocento e Novecento**: gli aspetti economici, sociali, culturali. Nápoles: Guida, 2008.
- NAXARA, M. R. C. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.
- PELOSO, S. **O canto e a memória**: história e utopia no imaginário popular brasileiro. Trad. Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.
- ROCHA PITTA, S. da. **História da América Portuguesa**: desde o ano de mil e quinhentos do seu descobrimento até o de mil e setecentos e vinte e quatro. Bahia: Imprensa Econômica, 1878.
- RODRIGUES, A. F.; AGUIAR, J. O.; SILVA, W. C. L. da. **Literaturas de viagem**: fauna, flora e etnografia brasileira. São Paulo: Humanitas, 2013.
- SALVADOR, F. V. do. **História do Brasil**: 1500-1627. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- VESPÚCIO, A. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. Apresentação e Notas de Eduardo Bueno, São Paulo: Planeta, 2003.
- ZOLI, C. **Sud America**. Note ed impressioni di viaggio. Roma: Sindacato Italiano Arti Grafiche, 1927.

Recebido em 10 de agosto de 2020
Aprovado em 17 de novembro de 2020